A dona do bordel

Capítulo 1

A dona do bordel reunia suas meninas, nos fins de tarde, as prostitutas do prostíbulo, e dava instruções a elas, ensinava a suas garotas como tratar os homens. Era um bordel de luxo. As mulheres eram lindas.

A dona do bordel se chamava Antoniete. Tinha 40 anos, no entanto era ainda uma mulher sedutora, loura magra de olhos azuis. Um fim de tarde, na passagem do dia para a noite, ela reuniu as meninas e começou a preleção.

- A Wilma Azevedo acaba de lançar um livro – disse. – Ela está de volta. O nome do livro é "Sadomasoquismo Sem Medo". Vamos falar um pouco de SM hoje. Há mais gente no mundo que gosta de SM, e pratica, leva a sério, do que vocês podem imaginar. Eu recomendo a leitura desse livro e vocês devem procurar assimilar os ensinamentos dela. Ela tem muita prática, muita experiência, são muitos anos de estrada. O que vocês querem é agradar os homens, não é? Ela vai ensinar a vocês como fazer isso. De uma nova maneira. Não sei quantas de vocês já praticam habitualmente o SM. Quantas? Levantem a mão.

Só uma ou duas levantaram a mão.

- Tolinhas.

- Assim mesmo de leve – disse uma.

- Não levamos a sério – disse outra.

- Só frescura – disse uma.

- Não tolero pancada – disse ainda uma outra.

- Não aceito maus-tratos no meu corpinho – disse mais uma que quis falar, alisando suas curvas.

- Estão vendo? – disse a dona do bordel. – Têm muito a aprender com a Wilma Azevedo. Ela é ótima. Espero que leiam o livro e aproveitem. Vão lucrar, não saem perdendo. Eu quero que todas leiam

o livro. Tenho alguns exemplares. Conforme forem lendo vão passando a suas colegas.

- O que ela diz no livro? – perguntou uma das pupilas de Mme Antoniete, uma das mais jovens.

- Ela escreve o livro – respondeu Antoniete – em forma de depoimentos e relatos sobre a prática, muitos dos quais extraídos de sua própria experiência pessoal. Para o psicólogo e terapeuta sexual Oswaldo M. Rodrigues Jr., a obra sugere meios para melhorar relacionamentos humanos e aprender a viver os desejos com todo o vigor, compreendendo os próprios limites e os de outras pessoas. Por aí vocês vêem que o assunto é sério.

- SM? É sério?
- Não seja tola. E não banque a ingênua. Há muita hipocrisia no mundo. Não há mal nenhum em ser sadomasoquista. Todos têm o direito de ser sadomasoquistas, se quiserem. E é isso que a Wilma tenta colocar no livro dela. E diga-se de passagem coloca muito bem. Ela lembra Sade, cita ele.
- Sade era um pervertido, um maluco – discordou uma das moças.
- Ele era doente.
- Ela lembra Sade – teimou Antoniete. – E ensina que "podemos ser livres para pensar e não necessariamente somos obrigados a cumprir tudo o que pensamos". Vocês entendem?

- Mais ou menos.

As garotas não entendiam muito bem. Algumas delas eram ingênuas – primárias, melhor dizendo, não muito sofisticadas, rudimentares, vindas do interior, muitas bem jovens. Precisando de polimento, de cultura e polimento.

- Olhem, crianças – prosseguiu Antoniete. – Eu quero que vocês leiam esse livro. Todas. Vai fazer muito bem a todas vocês, vão aprender a se relacionar muito melhor com os homens, vão aprender a tirar mais prazer do sexo, tirar e dar, dar e sentir prazer, esqueçam as operações de compra e venda e, acima de tudo, vão aumentar os lucros da casa, o que

reverte em benefício de todas nós, é mais do que bom para todas nós, talvez até melhor do que qualquer prazer sexual que porventura venham a obter com os novos ensinamentos.

- Eu vou ler o livro – disse uma.

- O livro tem 160 páginas – informou Antoniete. – E discorre sobre os 16 anos de envolvimento da autora com o sadomasoquismo. Presta atenção. Ela procura sempre valorizar as boas intenções da prática para quem gosta de variar no sexo, para quem tenha a mente fantasiosa ou que só se excite em posições ou situações especiais. Para isso ela discorre quase de forma

didática sobre os conceitos de sua modalidade sexual preferida. E aproveita para comentar alternativas de comportamento que intensifiquem os limites do prazer através do SM.

Seguiu-se um silêncio.

- Depois eu volto a esse assunto do SM – encerrou Antoniete. – É muito vasto e tem sido muito pouco explorado por causa da hipocrisia e dos preconceitos, a moral sexual repressiva.

No entanto ela continuou a falar. Recomeçou, dentro de instantes.

- Vou falar um pouco a vocês, queridas – disse Antoniete, – da dupla penetração. Acho que a

melhor maneira é citar depoimentos, filmes. Um filme muito bom que trata desse assunto é “Vortex”. Cientistas, máquinas, as pessoas se perdem no passado. No interior de um típico bordel, surge um dos melhores momentos do filme: a dupla penetração feita com a inglesa Nici Sterling, que não perde a pose. Precisam ver esse filme, produção esmerada, trabalho criativo, o diretor utiliza o preto e branco e recria o clima do clássico “Casablanca” sem deixar de oferecer sexo na dose certa. Vão me entendendo, não é, meninas? Tem um outro, “University Co-Eds 3”, é o nome do filme. Também tem dupla penetração. A mais descarada é

Candy Hill. Ela confessa a sua fantasia de transar numa oficina mecânica. Seu desejo vira realidade e na hora do almoço dois fortes mecânicos acabam possibilitando uma penetração em dose dupla. A felicidade dela é seguida pelo lesbianismo de Drew e Tricia, a primeira mostrando seu fetiche por calcinhas. Estão vendo? Tudo é válido. Surge uma outra dupla penetração na terceira parte com Holy Woods sendo penetrada junto de uma cavalariça. Vejam isso, é outro filme, tenho muitos filmes pornô. Uma van cheia de jovens de ambos os sexos parte pela estrada. A sacanagem já rola na estrada, com uma das garotas abrindo a braguilha